

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Denilson Santos de Azevedo
E-mail: dazevedo@ufv.br
Instituição: Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Submetido: 16/10/2019
Aprovado: 04/03/2020
Publicado: 03/05/2021

 10.20396/rho.v21i00.8657176
e-Location: e021011
ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):
AZEVEDO, D. S. de; GOUVÊA, T. G. A inserção da mulher no ensino de pós-graduação: o caso do programa de Fitotecnia da UFV (1961-2018). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-20, abr. 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8657176. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657176>. Acesso em: 3 maio 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



A INSERÇÃO DA MULHER NO ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO: O CASO DO PROGRAMA DE FITOTECNIA DA UFV (1961-2018)

  **Denilson Santos de Azevedo***
Universidade Federal de Viçosa
  **Tatiani Gomes Gouvêa****
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

O artigo trata do processo de inserção da mulher num dos cursos pioneiros na área das ciências agrárias, o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (PPG-FIT) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), entre os anos de 1961 e 2018. Nos dias atuais, a presença da mulher ocupa diversos espaços sociais e profissionais, muito diferente de cerca de 50 anos atrás, que eram ocupados quase que exclusivamente por homens. Se nas últimas décadas assistimos ao crescente empoderamento feminino nas mais diferentes atividades humanas, o propósito desta investigação consiste em analisar a presença da mulher no campo de conhecimento das ciências agrárias, mais especificamente no âmbito do curso de mestrado e doutorado em Fitotecnia, onde historicamente o predomínio do sexo masculino se mantém como uma de suas características marcantes. As informações coletadas no arquivo de Dissertações e Teses do PPG-FIT e os dados institucionais extraídos do Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS da UFV, permitiram identificar a faixa etária e o sexo dos estudantes matriculados nos cursos de mestrado e doutorado, durante os primeiros cinquenta e sete anos de atividade deste Programa e verificar como vem se dando estas relações de gênero, em termos de ingresso e titulação, por meio do levantamento de percentual de matrícula e titulação nos cursos de mestrado desde 1961 e de doutorado, a partir de 1973, até o ano 2018, de modo a conhecer em que grau e instâncias vêm ocorrendo o avanço da presença feminina nestes cursos de pós-graduação stricto sensu tão marcadamente ocupados pelo sexo masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Pós-Graduação. Ciências Agrárias.

THE INSERTION OF WOMEN IN POST-GRADUATE EDUCATION: THE CASE OF THE PROGRAMA DE FITOTECNIA DA UFV (1961-2018)

Abstract

The article treats about the process of inserting women in one of the pioneering courses in the field of agricultural sciences, the Post-Graduate Program in Phytotechnics (PPG-FIT) at the Federal University of Viçosa (UFV), between the years 1961 and 2018. Nowadays, the presence of women occupies several social and professional spaces, very different from 50 years ago, which were occupied almost exclusively by men. If in the last decades we have witnessed the growing female empowerment in the most different human activities, the intention of this investigation is to analyze the presence of women in the knowledge field of agrarian sciences, more specifically within the scope of the Master's and Doctorate in Phytotechnics, where historically the predominance of men remains one of its most outstanding characteristics. The information collected in the PPG-FIT Dissertations and Theses file and the institutional data extracted from the UFV Teaching Support System - SAPIENS, allowed to identify the age and gender of the students enrolled in the masters and doctorate courses, during the first fifty-seven years of activity of this Program, and to verify how these gender relations have been taking place, in terms of enrollment and qualifications, through the survey of percentage of enrollment and qualifications in master's courses since 1961 and doctorate, starting in 1973, until the year 2018, in order to find out to what degree and instances the advancement of the female presence in that stricto sensu graduate courses has been so markedly occupied by male gender.

Keywords: Woman. Postgraduate studies. Agricultural Sciences.

LA INSERCIÓN DE LA MUJER EN LA ENSEÑANZA DE POSTGRADO: EL CASO DEL PROGRAMA DE FITOTECNIA DA UFV (1961-2018)

Resumen

El artículo aborda el proceso de inserción de mujeres en uno de los cursos pioneros en el campo de las ciencias agrícolas, el Programa de Postgrado en Fitotecnia (PPG-FIT) en la Universidad Federal de Viçosa (UFV), entre los años 1961 y 2018. Hoy en día, la presencia de mujeres ocupa varios espacios sociales y profesionales, muy diferentes a los de hace 50 años, ocupados casi exclusivamente por hombres. Si en las últimas décadas hemos sido testigos del creciente empoderamiento femenino en las actividades humanas más diferentes, el propósito de esta investigación es analizar la presencia de mujeres en el campo del conocimiento de las ciencias agrarias, más específicamente dentro del alcance del Máster y Doctorado en Fitotecnia, donde históricamente el predominio del sexo masculino sigue siendo una de sus características sobresalientes. La información recopilada en el archivo de Tesis y Tesis PPG-FIT y los datos institucionales extraídos del Sistema de Apoyo a la Enseñanza UFV - SAPIENS, permitieron identificar la edad y el sexo de los estudiantes matriculados en los cursos de maestría y doctorado, durante el primer cincuenta y siete años de actividad de este Programa, y para verificar cómo se han llevado a cabo estas relaciones de género, en términos de inscripción y calificaciones, a través del levantamiento de porcentaje de inscripción y calificaciones en cursos de maestría desde 1961 y doctorado, comenzando en 1973, hasta el año 2018, con el fin de averiguar en qué grado e instancias el avance de la presencia femenina en estos cursos de posgrado stricto sensu ha sido tan notablemente ocupado por el género masculino.

Palabras clave: Mujer. Posgraduación. Ciencias Agrarias.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a presença da mulher é percebida em diversos espaços sociais e profissionais, muito diferente de cerca de 50 anos atrás, que eram ocupados quase que exclusivamente por homens. O processo de inserção das mulheres em profissões antes ditas masculinas, diferentemente dos papéis secundários ou invisibilizados que lhe foram atribuídos por longas décadas, tem contribuído significativamente para o seu reconhecimento social e para o avanço da economia do país. Percebe-se que esta luta feminina encontra-se presente em diferentes momentos da história humana, mas ela ganha relevo particularmente no século XX e encontra-se em curso, sendo marcada por incontáveis conquistas civis, sociais e políticas na busca para que as mulheres tenham, de fato, os mesmos direitos que os homens, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Hodiernamente, muito se houve falar em empoderamento - conceito geralmente empregado em relação às mulheres ou algumas minorias. Apesar de bastante utilizado, este termo remete ao sentido de **dar poder** a alguém, através do conhecimento, informação e conscientização. No caso específico do empoderamento feminino, as mulheres são encorajadas a ocuparem múltiplos espaços na sociedade e a lutarem pela igualdade de direitos, sem privilégios de gênero.

O empoderamento deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência da discriminação de gênero. Isto exige que a mulher mude a autopercepção negativa, assim como suas crenças relativas a direitos e capacidades. Facilitar as condições para encorajar estas mudanças é o papel de agentes externos. (DEERE; LEÓN, 2002, p. 55).

Partindo do pressuposto que a subordinação da mulher por muitas vezes ainda é considerada como **normal** no seio de grupos de tradição patriarcal, torna-se imprescindível amplificar esta conscientização e a luta para estabelecer mudanças nas relações de gênero, com o intuito de desprender-se desta condição de submissão. (DEERE; LEÓN, 2002). Neste ponto, destaca-se a importância de atores sociais, organismos estatais, organizações internacionais, empresas, sociedade civil organizada, que defendem e atuam como dinamizadores deste processo de empoderamento feminino.

Atualmente, as mulheres desempenham múltiplos papéis, exercendo ao mesmo tempo as funções de profissional, mãe, filha, esposa, dona de casa e, em grande parte dos lares brasileiros, são as provedoras, denominadas **chefes de família**, responsáveis pelo sustento e manutenção de todos os membros.

No mercado de trabalho, embora desempenhando as mesmas tarefas atribuídas ao sexo oposto, quando se observa a remuneração contida nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), referente ao 3º trimestre de 2019, constatou-se que as mulheres receberam, em média, 79,5% do salário dos homens. Para os trabalhadores

do sexo masculino, registrou-se uma média salarial de R\$2.513,00, enquanto entre as mulheres, o valor foi de R\$1.998,00. (PNADC, 2019).

Diversas pesquisas confirmam que a discriminação salarial das mulheres no mercado de trabalho ainda é um desafio a ser vencido em nossa sociedade. Embora o tema possa parecer antigo e desatualizado, ainda hoje as mulheres recebem remunerações menores, mesmo quando atuam na mesma área e ocupam os mesmos cargos que os profissionais do sexo masculino.

Ainda segundo o relatório Síntese de Indicadores Sociais, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a diferença salarial entre gêneros é evidente, ainda que as mulheres possuam maior grau de escolaridade. “No cômputo geral, em 2017, os brancos ganhavam em média 72,5% mais do que pretos ou pardos e os homens ganhavam, em média, 29,7% mais que as mulheres.” (IBGE, 2018, p. 28) “A maior escolaridade das mulheres não é, portanto, suficiente para levá-las à força de trabalho em proporção maior ou similar à dos homens.” (IBGE, 2018, p. 32).

É fato que há tempos identificamos registros de participação ativa do sexo feminino em diferentes atividades na sociedade, buscando a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas também não são raras as demonstrações de discriminação para com as elas, conforme podemos perceber em diversos momentos históricos, sobretudo após a chamada Revolução Industrial, em

[...] que a mulher começa a romper com os muros que as prendiam em casa, começando a trabalhar. A Revolução fez com que a mulher conseguisse sair de casa, indo trabalhar nas inúmeras fábricas que foram surgindo com o crescimento da revolução. As mulheres agora saíam de suas casas e começavam seu processo de emancipação. Porém esse trabalho não oferecia uma real melhora de vida já que a mulher, embora exercendo a mesma função que um homem em uma fábrica, ganhava bem menos. (BEZERRA, 2010, p. 3).

É evidente que o papel social da mulher, suas funções, seus direitos e deveres a partir da revolução industrial foram sendo lentamente alterados, com a consequente urbanização, fazendo com que a vida feminina fosse ganhando gradativamente novas dimensões, devido às alterações do mundo econômico, social e cultural, sobretudo no ocidente, avançando significativamente após o fim da segunda guerra mundial, e que terão repercussão também na sociedade brasileira.

Destarte, as novas condições de vida urbano-industrial no período pós-guerra, engendraram, gradativamente, novas necessidades e também resistências, que trouxeram mudanças nos modos de vida e na educação da mulher.

Se, por um lado, o ideal de educação doméstica se conservava, por outro, a necessidade da educação escolarizada para a mulher fazia sentir-se de maneira crescente. Obviamente, este processo não representava a consciência de que a mulher deveria receber educação idêntica à do

homem, nem a equiparação social dos papéis tradicionalmente atribuídos a representantes de um e outro sexo. A sociedade oferecia, como o faz ainda hoje, sérias resistências à instrução da mulher, resistências essas que se avolumam à medida que se sobe na escala de escolarização. De qualquer modo, o alargamento dos horizontes culturais da mulher urbana, a limitação da natalidade, o recurso crescente ao processo legal da separação conjugal constituem dados reveladores de que a posição social da mulher vem sofrendo uma redefinição constante pelo menos nos centros dinâmicos da vida social brasileira. (SAFFIOTI, 1976, p. 180).

De um modo geral, estudos demonstram que no Brasil, a partir da década de 1970, a participação feminina cresceu significativamente em diversos campos, podendo ser considerada uma das maiores transformações sociais ocorridas no país desde então. A presença do sexo feminino no mercado de trabalho, sobretudo o urbano, vem sendo cada vez mais intensa e diversificada, não demonstrando retrocesso em futuro próximo. (BRUSCHINI, 1994).

Este crescimento deveu-se em parte, ao progressivo aumento do nível de escolaridade das mulheres. Ao final dos anos de 1990, as mulheres apresentavam uma média de um ano a mais de estudo quando comparadas ao sexo masculino e a posse de um diploma universitário ocorria praticamente em igualdade numérica entre estes dois gêneros. (MELO; LASTRES; MARQUES, 2004).

Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2016, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o total de mulheres matriculadas e concluintes nos cursos de graduação vem sendo superior ao número de homens durante todo o período de 2001 a 2010. Mais atuantes em diversos estratos da sociedade, a figura feminina começa a marcar presença também naqueles cursos ditos **masculinos**, iniciando outrora um processo que até hoje encontra-se em desenvolvimento.

Com base na apresentação sintética de alguns conceitos, dados e indicadores históricos e atuais, que assinalam alguns percalços, desafios e parte do caminho percorrido pelas mulheres brasileiras rumo à sua maior inserção e reconhecimento social e profissional, ao longo dos últimos sessenta anos, é que resolvemos investigar como esta relação de gênero se configurou num dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* pioneiros na área das ciências agrárias, o PPG-FIT/UFV, entre os anos de 1961 e 2018.

Para realizar este propósito, faremos uso das informações coletadas no arquivo de Dissertações e Teses deste Programa e dos dados institucionais extraídos do Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS da UFV, que permitirão identificar a faixa etária e o sexo dos estudantes matriculados nos cursos de mestrado e doutorado, durante os primeiros cinquenta e sete anos de atividade deste PPG-FIT/UFV e verificar como vem se dando estas relações de gênero, em termos de ingresso e titulação, por meio do levantamento de percentual de matrícula e titulação nos cursos de mestrado, desde 1961, e de doutorado, a partir de 1973, até o ano 2018, de modo a conhecer em que grau e instâncias vêm ocorrendo o avanço da

presença feminina nestes cursos de pós-graduação stricto sensu tão marcadamente ocupados pelo sexo masculino desde os seus primórdios.

A PRESENÇA FEMININA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA E NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA (PPG-FIT)

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), inaugurada em 1926 pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em 1948, foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), sendo federalizada no ano de 1969, constituindo-se então a Universidade Federal de Viçosa (UFV), que até hoje mantém grande tradição na área das ciências agrárias.

Embora possua, desde sua fundação, publicações, clubes e atividades voltadas para as agricultoras, a primeira estudante de agronomia graduou-se somente em 1950, ou seja, 24 anos após a criação da instituição¹. Esta tardia graduação concluída por uma mulher seguiu uma tendência histórica dos cursos superiores da área agrícola de praticamente ser uma exclusividade da presença masculina e que aconteceu também na Escola de Agricultura da Bahia (EAB), na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) e na Escola Nacional de Agronomia – (ENA) que entre as décadas de 1930 e 1940, apresentavam percentual de mulheres no corpo discente ou docente estatisticamente **desprezível**. (OLIVER; FIGUEIRÔA, 2007, p. 355).

Não obstante a incipiente presença feminina nos cursos superiores de Agronomia mencionados vale ressaltar que, a então ESAV procurou disseminar conhecimentos agrícolas para as mulheres, por meio da produção de boletins informativos e atividades de extensão, como o Mês Feminino, que foi realizado nos anos de 1934 e 1935. (AZEVEDO, 2005). Assim,

[...] além do ensino científico – agropecuário da ESAV, os documentos que fazem parte de sua memória institucional ainda abrem inúmeras possibilidades de estudo ao pesquisador da História da Educação, e revela nuances de como as mulheres paulatinamente se inseriram neste universo habitado pelos homens, até a criação do curso de Economia Doméstica, que ocorre somente em 1952. Todos os anos a Instituição realizava eventos dedicados às mulheres, que recebiam aulas e treinamento de práticas ligadas vida doméstica e familiar. Essa aproximação entre mulheres e escola agrícola revela como o ensino do início do século XX tendia a valorizar uma estrutura social que tinha a família como base nuclear, em que os homens assumiriam o papel de provedores, cultivando a terra e zelando pelo bom funcionamento da unidade rural, e as mulheres se manteriam voltadas às questões da casa e à educação dos filhos. (ENES, 2006, p. 5108).

Neste sentido, conforme observa Barreto (2014), na área das ciências agrárias, o predomínio masculino é maior nos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal, Zootecnia e

Engenharia Agrícola, dentre outros que se caracterizam como uma espécie de gueto, reproduzindo uma tendência que vem desde a criação e expansão destes cursos, não se relacionando com o ambiente doméstico, como os ditos feminizados e se vinculando à apropriação racional dos conhecimentos científicos e da tecnologia, o que na grande maioria das vezes, conferem um status mais elevado aos profissionais do gênero masculino.

Os diversos estereótipos atribuídos aos gêneros moldam, definitivamente, o significado atribuído às ocupações e às carreiras, pois é comum o entendimento de que há carreiras mais afeitas às mulheres e carreiras propriamente masculinas. Como consequência, o gênero também influencia no valor social atribuído às ocupações no mercado de trabalho e atua do mesmo modo na universidade, onde as mulheres, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelas diferentes **vocações**. (BARRETO, 2014, p. 10).

Apesar do crescimento de escolaridade entre as mulheres, ainda é notável a baixa frequência feminina nos cursos de ciências agrárias. Ao tratarem da mulher rural, Fiúza *et al.*, (2009), relatam que o conhecimento tecnológico não se destina a elas, pois elas não são pertencentes à esfera pública, da economia, da profissão, da política e do associativismo, ressaltando, assim, as resistências para a mudança de lugar na hierarquia social e familiar.

Historicamente, existem cursos marcados por uma presença majoritária de homens e outros, por mulheres. O predomínio de cursos especificamente voltados para a área agrária fez que com a UFV possuísse, desde sua origem, um perfil discente predominantemente masculino. Tal característica só começa a mudar com a criação da Escola Superior de Economia Doméstica² na antiga UREMG, em 1952, abrindo espaço para a formação profissional das mulheres em uma agora universidade, até então exclusivamente masculina.

O Departamento de Fitotecnia (DFT) presente na instituição desde seus primórdios e responsável por abrigar o Programa de Pós-Graduação do mesmo nome, a partir de 1961, era e ainda é formado na sua quase totalidade, por professores do sexo masculino. Tal disparidade é fortemente destacada através dos dados estatísticos: dos 108 professores³ inativos e em atividade que compõem/compuseram seu quadro docente, apenas três são do sexo feminino. Esse dado representa um baixíssimo percentual de 2,8% de representação feminina entre os docentes do Departamento de Fitotecnia, ao longo de sua história até o presente momento.

É importante destacar que do total de 42 professores que atualmente estão no quadro efetivo do Departamento de Fitotecnia (DFT), 34 são orientadores no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia (PPG-FIT), incluindo as docentes do sexo feminino, o que representa um percentual de 6% em relação ao número total de orientadores.

Este dado demonstra ainda a pequena presença de docentes do sexo feminino no DFT, mesmo levando em consideração as mudanças socioculturais vivenciadas pelas mulheres nas últimas décadas. Este é um assunto que sempre desperta interesse e propicia reflexões acerca dos aspectos quantitativos e qualitativos dessas mudanças. Analisando o

caso específico deste estudo, examinaremos a participação feminina discente no PPG-FIT, a partir de sua criação no ano de 1961.

No que diz respeito aos dados dos Programas de Pós-Graduação da UFV, no ano de 2018, a área de ciências agrárias foi a que mais recebeu e titulou pessoas, tanto nos níveis de mestrado, quanto no de doutorado, mantendo um padrão que vem se repetindo desde os anos anteriores.

Todavia, é indiscutível a importância que a área de estudo das ciências agrárias tem no cenário nacional, sobretudo na pós-graduação onde ocorre o aprofundamento dos conhecimentos introduzidos na graduação, contribuindo com a formação de profissionais altamente qualificados e com a geração de conhecimentos, a partir das pesquisas realizadas, de modo a aumentar a produção de gêneros alimentícios, proteger o ambiente e garantir a sustentabilidade.

Neste sentido, o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV, atuante desde a década de 1960, teve importante papel no processo de modernização da agricultura através da qualificação de profissionais necessários no contexto de desenvolvimento agrário que se apresentava ao país naquela época⁴.

Embora o objetivo principal deste artigo seja evidenciar a figura feminina em um Programa de Pós-Graduação pioneiro na área de ciências agrárias, no Brasil, é importante ressaltar que o mesmo foi historicamente constituído, em sua grande maioria, por homens, refletindo destarte sobre as implicações da presença da mulher neste meio onde, numericamente, estiveram ausentes ou em minoria ao longo do período em tela.

Por ter sido concebida nos moldes dos *Grand Lant Colleges*, esta então instituição estadual mineira contou desde seus primórdios, com a presença de seu precursor e primeiro diretor, o professor Peter Henry Rolfs⁵, de diversos sujeitos que fomentaram este intercâmbio e os diferentes convênios estabelecidos com suas congêneres e fundações ao longo dos anos, tornou a UFV uma universidade com características do ensino norte-americano, não apenas em relação aos conteúdos e métodos acadêmicos mas também na própria estrutura arquitetônica dos prédios que compõe o campus.

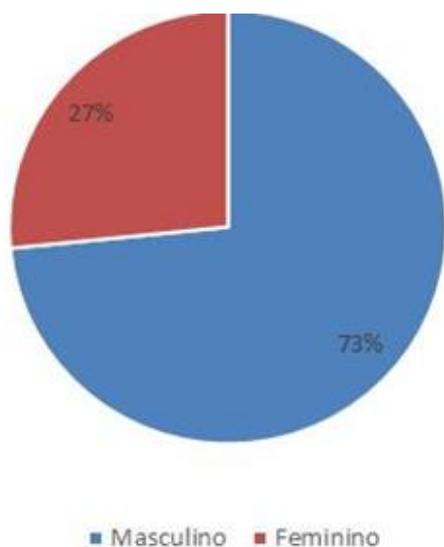
Não obstante esta filiação institucional, assistimos à relativa demora no ingresso do público feminino na UFV ao contrário dos Estados Unidos onde este acesso já acontecera há mais de um século antes, em estabelecimentos específicos, em termos de gênero. A entrada das mulheres na universidade aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres. É no estado de Ohio que surge a primeira universidade feminina o *women's college*. É na segunda metade do século que as universidades femininas se espalham por boa parte dos Estados Unidos. Porém a maioria destas instituições só oferecia o bacharelado para as mulheres, poucos eram os que ofereciam cursos de mestrados e menos ainda a opção de cursos de doutorado. (BEZERRA, 2010, p. 3).

Seguindo o princípio da coeducação desde sua gênese, em março de 1961, o Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFV⁶, possuía entre seus 9 (nove) matriculados, uma estudante do sexo feminino que, ainda naquele mesmo ano foi aprovada na defesa de sua dissertação⁷. Identificada a primeira mestranda, passaremos a caracterizar os pós-graduandos em Fitotecnia, apresentando a seguir dados institucionais extraídos do Sistema de Apoio ao Ensino – SAPIENS, no que concerne à dois aspectos: faixa etária e sexo dos estudantes dos cursos de mestrado e doutorado.

Através de consultas individuais, foi possível fazer o levantamento dos dados referentes a um total de pouco mais de 2 mil⁸ discentes que efetuaram matrícula no mestrado e no doutorado, entre os anos de 1961 a 2018, conforme os gráficos 1 e 2 que estão nas páginas seguintes.

No Gráfico 1, verifica-se que 73% dos alunos que efetuaram matrícula no mestrado, entre os anos de 1961 a 2018, eram do sexo masculino, enquanto 27% de mulheres estiveram matriculadas neste mesmo período, o que perfaz a relação de uma mulher para aproximadamente três estudantes do sexo masculino matriculados neste nível de ensino. Já no curso de doutorado esta situação apresenta um pequeno aumento nas matrículas das estudantes, conforme o Gráfico 2, onde temos a relação de uma aspirante a doutora para cada dois homens também pretendentes à este título. Para ambos os cursos, nos períodos analisados, a tendência foi a mesma: apesar de presentes, as mulheres ainda estão aquém dos homens no acesso aos cursos de mestrado e doutorado em Fitotecnia, ao longo do período analisado⁹.

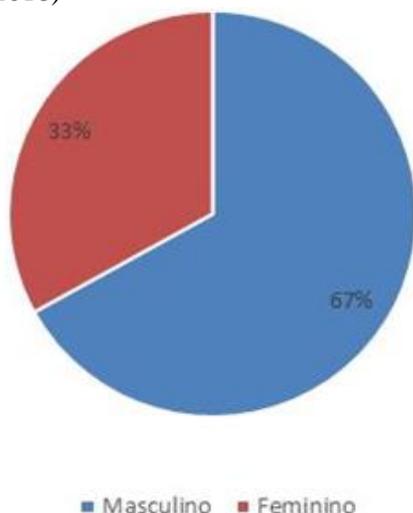
Gráfico 1 – Percentual dos estudantes matriculados no mestrado em Fitotecnia, por sexo (1961 – 2018)



Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).



Gráfico 2 – Percentual dos estudantes matriculados no doutorado em Fitotecnia, por sexo (1973-2018)

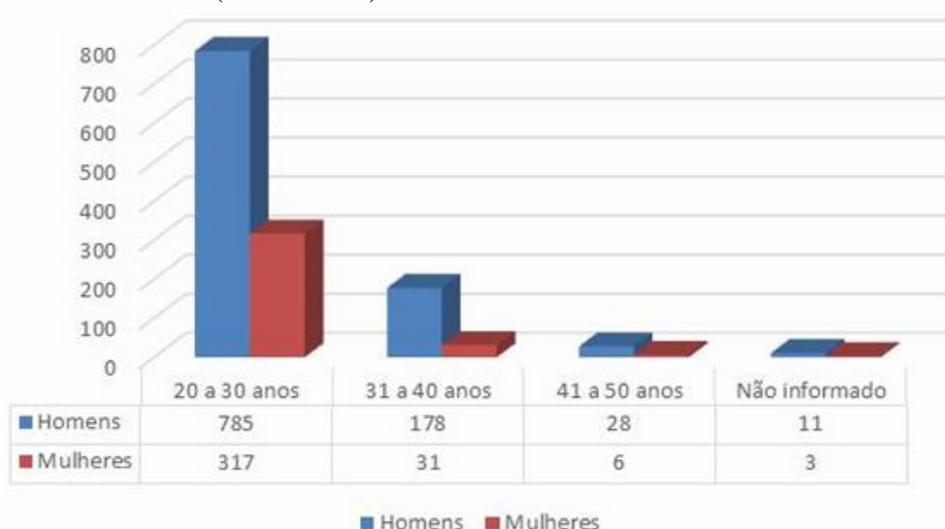


Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Conforme levantamento dos dados nos Gráficos 3 e 4 a seguir, observamos as alterações na concentração total de estudantes, em cada grupo etário e por sexo, que ingressou nos cursos de mestrado e doutorado em Fitotecnia, respectivamente, no período investigado.

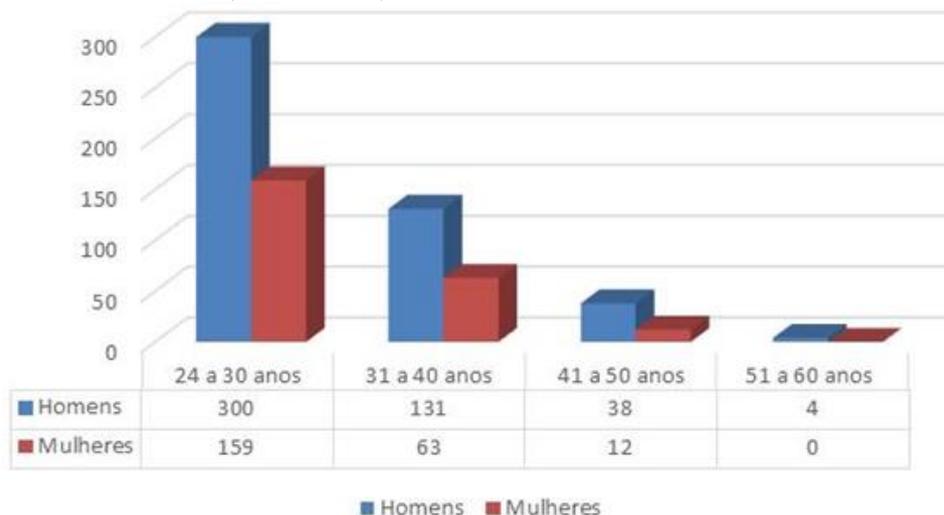
A faixa etária predominante entre os matriculados no mestrado está entre 20 e 30 anos, perfazendo 81% do total de estudantes matriculados no período de 57 anos do Programa, enquanto no doutorado, os estudantes entre 24 e 30 anos correspondem a 65% do total de ingressantes.

Gráfico 3 – Ingressantes no Mestrado em Fitotecnia, na população de 20 anos ou mais de idade, por faixa etária e sexo (1961 a 2018)



Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Gráfico 4 – Ingressantes no Doutorado em Fitotecnia, na população de 24 anos ou mais de idade, por faixa etária e sexo (1973 a 2018)



Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Para o doutorado, observa-se ainda que a última faixa etária de ingressantes no curso compreende as idades de 51 a 60 anos, com menos de 1% do total de matriculados.

Vale mencionar que, no ano de 2010, o PPG-FIT recebeu 19 estudantes por meio do Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) cujos principais objetivos foram o de viabilizar a formação, em nível de pós-graduação *stricto sensu* no país, de docentes das instituições de ensino superior, sobretudo daquelas distantes dos grandes centros de ensino e pesquisa, de modo a diminuir as assimetrias existentes, fomentar a produção acadêmica e fortalecer, nas instituições atendidas, linhas de pesquisas que respondam às demandas relacionadas ao desenvolvimento local e regional. (CAPES – DINTER, 2010).

Em razão das matrículas do DINTER, houve um aumento considerável na faixa etária de 41 a 50 anos para o doutorado, por se tratar de um grupo de professores com razoável tempo de docência em suas instituições de origem e, conseqüentemente, com uma idade um pouco mais elevada. Destaca-se ainda que, destes 19 doutorandos matriculados, 6 eram do sexo feminino.

Podemos inferir que, como o tempo gasto para a obtenção do título de doutor é quase duas vezes maior do que se tratando do título de mestre, iniciar um doutorado com idade mais avançada implicaria em finalizar o curso mais tardiamente. Conforme exposto nos Gráficos 3 e 4, enquanto no mestrado observamos um percentual de 2,5% para a faixa etária compreendida entre 41 a 50 anos, no doutorado este índice sobe para 7% entre o total de matriculados no mesmo grupo etário.

Os números a seguir corroboram com os gráficos anteriormente apresentados e indicam que os aspirantes a mestres e doutores em Fitotecnia da UFV são,

predominantemente, do sexo masculino e que, embora tenha diminuído nas últimas décadas, ainda persiste uma considerável diferença entre o número de homens e mulheres que optam por estes cursos. Contudo, também é visível a crescente participação feminina no Programa, ao longo dos anos, tanto no curso de mestrado quanto no doutorado. Os Quadros 1 e 2 ilustram este progressivo crescimento.

Quadro 1 – Total de matriculados, por década e sexo, no mestrado em Fitotecnia, de 1961 a 2018

Ingresso	Total de matriculados	Homens	Percentual	Mulheres	Percentual
1961-1970	135	130	96%	5	4%
1971-1980	258	235	91%	23	9%
1981-1990	212	165	78%	47	22%
1991-2000	265	190	72%	75	28%
2001-2010	254	152	60%	102	40%
2011-2018	235	127	54%	108	46%

Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Quadro 2 – Total de matriculados, por década e sexo, no doutorado em Fitotecnia, de 1973 a 2018

Ingresso	Total de matriculados	Homens	Percentual	Mulheres	Percentual
1973-1980	30	24	80%	6	20%
1981-1990	84	68	81%	16	19%
1991-2000	152	116	76%	36	24%
2001-2010	232	143	62%	89	38%
2011-2018	209	122	58%	87	42%

Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Computando os casos de abandono no mestrado e doutorado em Fitotecnia, podemos observar que ao longo dos 57 anos de existência do Programa, muitos foram os contratempos que impediram os estudantes de receberem seus títulos. Embora não seja possível pormenorizar os motivos que ocasionaram tais situações, apresentamos a seguir, dados que demonstram um índice próximo entre o número de estudantes desistentes do sexo masculino e feminino ao longo dos anos. Lembramos ainda que, tal comparação foi realizada considerando o grupo de matrículas efetuadas, separadamente, por homens e mulheres.

Sobre os desligamentos do Programa, constatamos que o percentual de estudantes que abandonaram os cursos de mestrado e doutorado, no decorrer dos anos, foi proporcional entre os estudantes do sexo masculino e feminino, considerando as matrículas realizadas, respectivamente por cada um desses grupos, conforme apresentado nos Gráficos 2 e 3.

Até aproximadamente a primeira década de funcionamento do PPG-FIT (1961 a 1970) podemos inferir que os estudantes matriculados, eram, em sua grande maioria, possuidores de vínculo empregatício. Vinham até a instituição, cursavam as disciplinas de

interesse, aprendiam novas técnicas relacionadas ao cultivo e produção agrícola e retornavam às suas respectivas instituições, para a aplicação destes novos conhecimentos.

Neste decênio, o percentual de abandono ficou em torno de 26% dos estudantes, sugerindo que, naquele dado momento, a aprendizagem prática ainda era muito mais importante que o conhecimento sistematizado ou a titulação. Somava-se a esta característica o fato de que muitos pós-graduandos não prosseguiram com o cumprimento de todas as exigências acadêmicas, uma vez que, enquanto possuidores de vínculo empregatício obtinham curta liberação de tempo (geralmente um ano), para concluírem os respectivos estudos.¹⁰

Voltando nossa atenção para os estudantes titulados no PPG-FIT, no que tange ao sexo dos autores dos 1139 trabalhos de dissertação e das 539 teses contabilizadas durante o período de 1961 a 2018, verifica-se que o resultado condiz com os dados apresentados anteriormente.

Quadro 3 – Percentual de concluintes no curso de Mestrado em Fitotecnia, por sexo, em relação ao número total de titulados em cada decênio

Décadas	% de conclusão	
	Mulheres	Homens
1960	4%	96%
1970	8%	92%
1980	17%	83%
1990	26%	74%
2000	37%	63%
2010	47%	53%

Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Quadro 4 – Percentual de concluintes no curso de Doutorado em Fitotecnia, por sexo, em relação ao número total de titulados em cada decênio

Décadas	% de conclusão	
	Mulheres	Homens
1970	10%	90%
1980	14%	86%
1990	20%	80%
2000	34%	66%
2010	36%	64%

Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Notamos que, embora os percentuais de mulheres tituladas tanto no mestrado, quanto no doutorado, conforme os Quadros 3 e 4 se apresentem inferiores aos obtidos pelos homens, com maior discrepância ao analisarmos as primeiras décadas do PPG-FIT, os índices

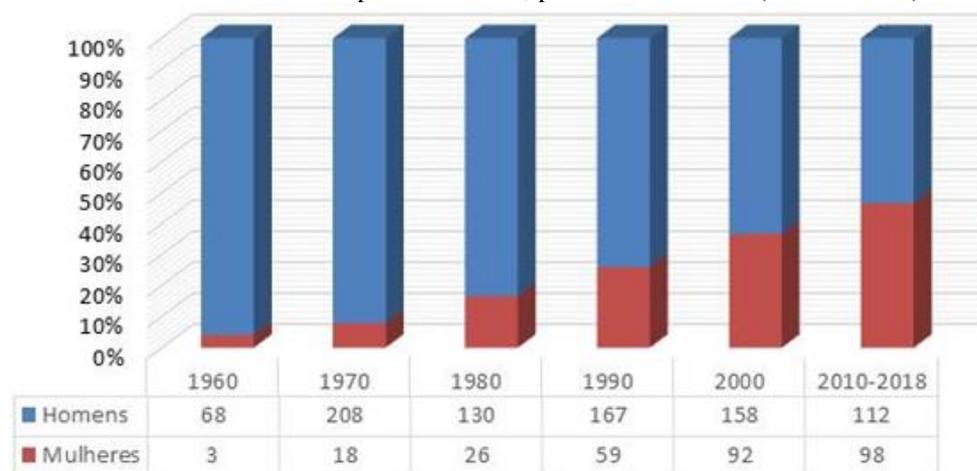
indicam um aumento contínuo e progressivo no número de titulações concedidas ao sexo feminino ao longo dos anos, em ambos os níveis de ensino, chegando mais recentemente, a um percentual próximo da equivalência para os dois sexos, no curso de mestrado.

Para o doutorado em Fitotecnia, o percentual de títulos concedidos às mulheres, ainda que se apresente em contínuo crescimento, está muito aquém se comparado ao número de homens titulados neste nível de ensino, o que sugere que ainda há um longo caminho para ser trilhado em busca de uma maior igualdade de gênero nesta área do conhecimento.

É importante esclarecer que o percentual de conclusão calculado nos Quadros 3 e 4, diz respeito apenas àqueles estudantes que efetivamente fizeram jus aos títulos de Mestre e Doutor em Fitotecnia, respectivamente, excluindo-se do cálculo os desligamentos, reprovações e abandonos de cursos.

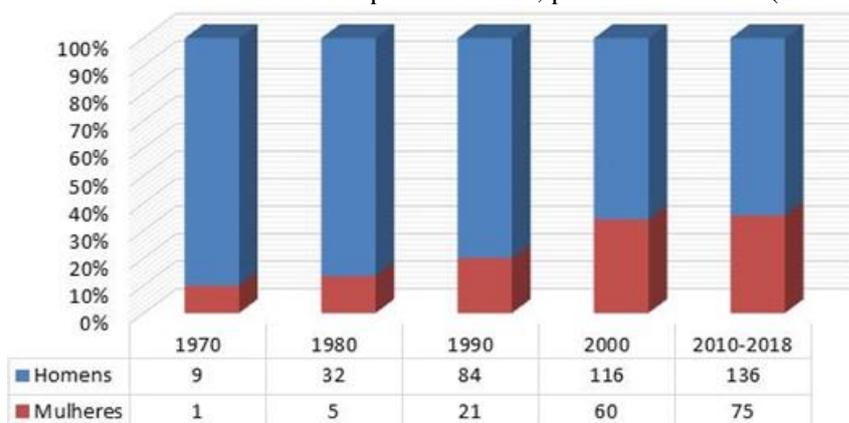
Enquanto os índices dos Quadros 3 e 4 se baseiam em números relativos, os dados apresentados nos Gráficos 3 e 4 corroboram com uma elevação progressiva do número de mulheres que se titularam no PPG-FIT, desde seu início em 1961, até o ano de 2018. Estes dados correspondentes a 57 anos de atividades ilustram a proporção entre o número de títulos concedidos a estudantes do sexo masculino e feminino, nos níveis de mestrado e doutorado.

Gráfico 5 – Total de Mestres pelo PPG-FIT, por sexo e década (1961 a 2018)



Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Gráfico 6 – Total de Doutores pelo PPG-FIT, por sexo e década (1977 a 2018)



Fonte: Universidade Federal de Viçosa (2019b).

Analisando os gráficos 5 e 6, fica evidente que a participação feminina nos cursos de mestrado e doutorado em Fitotecnia vem tendo um progressivo aumento ao longo dos anos, ainda que essa presença se mantenha abaixo dos percentuais de titulações do sexo masculino.

Na década de 1960, para cada 23 homens titulados em nível de mestrado, no PPG-FIT, uma única mulher recebia o mesmo título. No decênio seguinte, temos que, para cada 12 homens que receberam o título de mestre, uma mulher também fez jus ao título. Em se tratando das doutoras, tivemos uma única titulação do sexo feminino no período, ao passo que nove homens titularam-se em *Doctor Scientiae*.

Ao longo da década de 1980, a proporção de concluintes, por gênero, reduziu um pouco mais entre os dois níveis da pós-graduação *stricto sensu*: uma mestra para cada cinco mestres. Para cada mulher doutora, seis homens obtinham este título, proporção que cai para quatro doutoras por doutor, na década de 1990, enquanto no mestrado, a proporção de titulados homens em relação às mulheres, caiu de três para uma.

Na primeira década do século XXI, o quadro de titulação assinala mais uma diminuição na proporção entre os dois sexos; no mestrado, não se chegou a dois títulos entregues a um estudante do sexo masculino, para um título de *Magister Scientiae* conferido à uma mulher. No caso do doutorado, tivemos a exata proporção de dois homens titulados para cada doutora em Fitotecnia. No último período de nossa análise, que corresponde a pouco menos de uma década (2010-2018), é possível identificar mais um avanço no crescimento da presença feminina no curso de mestrado, sendo 1,2 homens titulados no para cada mulher e, praticamente, dois títulos de doutor para cada título de doutora. Através desses números, é possível perceber quase uma igualdade entre o número de titulados dos dois sexos, no nível de mestrado, embora a presença masculina, ainda que sutilmente, predomine, mas com tendência à paridade ou tênue domínio feminino.

Se a discrepância verificada entre o número total de mulheres e homens que chegavam à titulação fica muito evidente nos primeiros anos de funcionamento do Programa,

conforme evidenciado nos Gráficos 5 e 6, esta desproporção, muito timidamente, foi gradativamente reduzindo, tanto no mestrado, quanto no doutorado, ao longo do tempo, o que é devido em parte, ao movimento feminista que surgiu na década de 1960, e ao questionamento do papel social das mulheres na educação, no trabalho, na vida pública, etc. Logo, estes espaços até então caracterizados predominantemente pela presença masculina, passam a possuir também, maior representatividade feminina.

Ainda que a perspectiva apresentada demonstre uma elevação no número de mulheres tituladas, é notável o predomínio de estudantes do sexo masculino no transcurso do programa em questão. Podemos inferir que a área das ciências agrárias no Brasil foi historicamente destinada a este sexo, preservando esta característica ao longo dos tempos, sobretudo nos seus primórdios.

Convém ressaltar que, no período de 1964 a 1985, o Brasil esteve sob o regime de ditadura civil e militar, o que pode explicar o reduzido número de mulheres, particularmente na década inicial (1960 - 1970)¹¹. Outro fator ainda a ser considerado, seria o baixo percentual de mulheres graduadas ao final dos anos de 1950 e que estariam aptas a ingressar em um curso pós-graduado de ensino.

Não obstante este contexto vale assinalar que o primeiro título de *Magister Scientiae* em Oleicultura outorgado a uma mulher ocorreu no ano inicial do curso, mais precisamente, em 22 de dezembro de 1961, ou seja, nove meses após o ingresso no Programa, da pioneira Miracy Garcia Rodrigues. Sua pesquisa intitulada “Estudo sobre controle do pulgão da couve, *Brevicoryne brassica*”, foi aprovada por unanimidade pela banca examinadora do trabalho. Quanto ao primeiro título de *Doctor Scientiae* em Fitotecnia, concedido a uma mulher, foi para Rosane Cunha Coelho, que defendeu sua tese em 15 de outubro de 1980, com o título: “Efeitos de substâncias reguladoras do crescimento sobre a germinação de sementes dormentes de alface (*Lactuca sativa* L.)”, sendo esta, a primeira e única mulher a defender uma tese de doutorado em Fitotecnia, ainda na década de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada neste artigo possibilitou fazer uma apresentação geral sobre a questão da presença feminina no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, primeiro a ser criado no Brasil, em 1961 e que desde seu início contou com a participação de mulheres no corpo discente, possuindo, no entanto, pequena representatividade neste nível pós-graduado de ensino.

O ingresso das mulheres nas universidades deu-se por meio de um árduo e extenso processo. Podemos afirmar que, apesar de já ter sido trilhado um grande caminho em busca da isonomia, ainda não foi suficiente para o desaparecimento da discrepância presente em várias esferas sociais. O ensino superior brasileiro ainda exhibe uma cultura de caráter patriarcal, presente em especial nos cursos relacionados às ciências agrárias, sendo notável

a ocorrência de estereótipos geradores de discriminação e desigualdades em especial ao gênero feminino, que demanda modificação deste arcaísmo.

Conforme o presente estudo, observamos uma elevação das matrículas e titulações de estudantes do sexo feminino no PPG-FIT, da Universidade Federal de Viçosa, ao longo de seus 57 anos de existência. Pelo seu pioneirismo em sua área, este Programa tornou-se um referencial para outros cursos que foram criados **a posteriori**, por atrair o interesse de estudantes do sexo feminino desde sua criação, constituindo-se um marco positivo e também um diferencial para a época em que foi iniciado, embora a presença feminina tenha permanecido rarefeita nas duas primeiras décadas (1960 e 1970).

De acordo com os dados apresentados, podemos concluir que, embora ainda exista a predominância masculina nos cursos de mestrado e doutorado em Fitotecnia, é muito significativa a inserção das mulheres nestes espaços e que atualmente elas representam uma parcela expressiva nesta área de formação, apontando para uma tendência de equiparação entre os titulados dos dois sexos.

O número de estudantes do sexo feminino tituladas no PPG-FIT demonstra não apenas a elevação dos percentuais de mulheres nas ciências agrárias, mas também todo esforço em se romper com as desigualdades de gênero existentes entre os diferentes campos do saber científico. Aos poucos, mas continuamente, as mulheres tem provado sua competência em diversas áreas, inclusive naquelas antes vistas pela sociedade como redutos masculinos, como vários cursos das ciências exatas e agrárias.

Outro aspecto geral observado ao longo deste estudo, diz respeito ao preconceito (embora este apareça de forma mais disfarçada) vivenciado pelas mulheres, especialmente no que se refere à desigualdade salarial na esfera privada, onde continuam a receber salários mais baixos que os homens, mesmo estando na mesma área e ocupando os mesmos cargos que os profissionais do sexo masculino. (IBGE, 2018).

Ainda nos dias atuais, podemos visualizar resquícios de uma cultura machista, impregnados em nossa sociedade e que refletem em comportamentos muitas vezes preconceituosos e intolerantes, que ainda desqualificam o desempenho feminino em diversos campos de atuação. Contudo, se o desafio atual não é mais o de adentrar nas áreas tidas como masculinas, a luta contra a discriminação das mulheres que já ingressaram deve ser constante e contínua, de modo a garantir sua efetiva participação nessas áreas, contribuindo para a apropriação do conhecimento e ao mesmo tempo para a redução das desigualdades sociais e econômicas ainda existentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. S. de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente** - O Projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas

Gerais (1920-1948): Organização e Funcionamento. 2005. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARRETO, A. A mulher no ensino superior - distribuição e representatividade. **Grupo Cadernos do GEA**, n. 6, jul./dez. 2014.

BEZERRA, N. Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO PRESENTE, 2010, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2010. Disponível em: https://www.mp.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/teorias_explicativas_da_violencia_contra_mulheres/a_mulher_e_a_universidade.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

BORGES, J. M.; SABIONI, G. S.; MAGALHÃES, G. F. P. **A Universidade Federal de Viçosa no Século XX**. 1. ed. Viçosa: Ed. da UFV, 2000.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 179-199, 1994.

CAPES – DINTER. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Doutorado Interinstitucional**. 2010. Disponível em: http://capes.gov.br/images/stories/download/editais/Resultado_Capes_Setec_042009.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

COUTO, F. A. D. [Maio de 2016]. Viçosa: **Programa Memória Viva**. Entrevista concedida à TV Viçosa.

DEERE, C.; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ENES, T. Arquivo Histórico da Universidade Federal de Viçosa: subsídios e perspectivas para a história da educação superior no Brasil do século XX. *In*: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia: Editora da UFU, 2006. CD-ROM.

FIÚZA, A. L. de. C. *et al.* Difusão de tecnologia e sexismo nas ciências agrárias. **Ciência Rural**, v. 39, n. 9, p. 2614-2620, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018** / IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2019.

MEC. Ministério da Educação. **Censo da educação superior 2016: Principais Resultados**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/censo_superior_tabelas.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

MELO, H. P. de.; LASTRES, H. M. M.; MARQUES, T. C. de. N. Gênero no sistema de ciência, tecnologia e inovação no Brasil. **Niterói**, v. 4, n. 2, p. 73-94, 2004.

OLIVER, G. de. S.; FIGUEIRÔA, S. F. de. M. Ceres, as mulheres e o sertão. Representações sobre o feminino e a agricultura brasileira na primeira metade do século XX. **Cadernos Pagu**, v. 29, p. 365-397, jul./dez. 2007.

PNADC. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=23018&t=destaques>. Acesso em: 15 out. 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976. (Coleção Sociologia Brasileira, v. 4).

TOMAZONI, L. A mulher na ditadura militar: uma análise das limitações e consequências da participação política feminina. **Cad. Esc. Dir. Rel. Int.** (UNIBRASIL), Curitiba, v. 1, n. 22, p. 40-51, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernosdireito/index.php/direito/article/view/837>. Acesso em: 17 jul. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **O lugar das mulheres na UFV**. Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=26814. Acesso em: 27 fev. 2019a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Sapiens**. Sistema de Apoio ao Ensino. Disponível em: <https://www.ufv.br/>. Acesso em: 23 fev. 2019b.

AUTORIA:

* Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor associado da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Contato: dazevedo@ufv.br

** Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Assistente de administração na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: tatianigouvea@yahoo.com.br

COMO CITAR ABNT:

AZEVEDO, D. S. de; GOUVÊA, T. G. A inserção da mulher no ensino de pós-graduação: o caso do programa de Fitotecnia da UFV (1961-2018). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-20, abr. 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8657176. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8657176>. Acesso em: 3 maio 2021.

Notas

¹ Informação publicada no site da Universidade Federal de Viçosa, sob o título: O lugar das mulheres na UFV. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2019a).

² A Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), criada em 1952 na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), hoje UFV, foi a primeira escola do gênero no Brasil, com o curso de Administração do Lar. Contava ainda com os Departamentos de Nutrição, Vestuário, Decoração, Puericultura, Arte e Recreação, Educação, Psicologia e Sociologia.

- ³ Este número refere-se a um total de 66 docentes aposentados e 42 ainda em atividade. Das 3 professoras do sexo feminino, 2 ainda encontram-se no exercício da função. Departamento de Fitotecnia/UFV, 2018.
- ⁴ Período em que ocorreram mudanças significativas nos modos tradicionais de produção vistos até então no Brasil. A intensificação da agricultura começa a ser realizada por muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento, sendo frequentemente denominada revolução verde. A partir dos anos 1960, com a “modernização” da agricultura, destacam-se as mudanças nas práticas agrônômicas e a incorporação de novas tecnologias até então importadas. Surge um aumento da demanda de produtos agrícolas no mercado externo e de matérias-primas no mercado interno e ainda uma reestruturação política e econômica a partir do pós-guerra, consolidada com o golpe militar no Brasil.
- ⁵ Especialista norte-americano, *Doctor of Science* e ex-diretor do *Florida Agricultural College*, assumiu a direção da ESAV entre fevereiro de 1921 e fevereiro de 1929.
- ⁶ Importante esclarecer que a partir do ano de 1964, até os dias atuais, as matrículas para ingresso de novos estudantes, ocorrem semestralmente, geralmente nos meses de fevereiro e julho.
- ⁷ A primeira defesa de mestrado em Fitotecnia realizada por Miracy Garcia Rodrigues ocorreu no dia 22/12/1961, mesmo ano de início das atividades do Programa.
- ⁸ Esclarecemos que do total de 2.062 estudantes, 65,7% são referentes ao mestrado em Fitotecnia e 34,3% ao curso de doutorado do mesmo Programa. As matrículas no curso de doutorado iniciaram no ano de 1973. Fonte: SAPIENS – Sistema de Apoio ao Ensino. Informamos ainda que, no Sistema SAPIENS não foi contabilizado os 9 (nove) matriculados em 1961, os quais adicionamos de acordo com os dados obtidos em Livro de Registro de Candidatos, sob guarda da Diretoria de Registro Escolar da UFV.
- ⁹ Considerando que a maioria dos ingressantes nos cursos do PPG-FIT é formada em Agronomia e tomando por base o levantamento realizado por Borges, Sabioni e Magalhães (2000), sobre os egressos deste curso pela UFV no século XX, verificou-se que na década de 1960, o índice de homens formados em Agronomia nesta instituição foi de 99,18%, na década de 1970, de 94,23%, na de 1980, de 89,96%, enquanto na década de 1990, a presença masculina ficou em 79,41%.
- ¹⁰ Conforme entrevista concedida à TV Viçosa, pelo professor Flávio Augusto D'Araujo Couto. Maio de 2016. Ressalta-se que o professor Flávio Couto esteve atuante na instauração do primeiro programa de pós-graduação em Fitotecnia do país, o PPG-FIT/UFV. Foi ainda orientador das cinco primeiras defesas ocorridas no Programa, todas no ano de 1961 e de 36 orientações no período de 1961 a 1972.
- ¹¹ Esses anos foram marcados com forte censura a todos os meios de comunicação, ocasionando em prisões, muitas vezes tortura e até mesmo exílio forçado de inúmeros professores, políticos, músicos, artistas e escritores. Em relação à atuação das mulheres, esta era fortemente inibida e reprimida. (TOMAZONI, 2015, p. 44).